

Base empírica da sintaxe

Luiz Arthur Pagani (UFPR)

1 Gramaticalidade vs. aceitabilidade

- aceitável × gramatical:

Aceitável é um termo primitivo ou pré-científico, neutro em relação às diferentes distinções que precisaremos fazer mais adiante, inclusive a distinção que se estabelece tradicionalmente entre ‘gramatical’ e ‘significativo’ (ou ‘significante’). É um termo mais primitivo do que *gramatical* ou *significativo* no sentido de que, ao contrário dos outros dois, ele não depende de nenhuma definição técnica nem de conceitos teóricos da Linguística. Um enunciado aceitável é aquele que foi ou poderia ter sido produzido por um falante nativo num contexto apropriado, e que é ou seria aceito por outros falantes nativos como pertencente à língua em questão. Uma das tarefas do linguista é especificar o mais simplesmente possível, para a língua que ele está descrevendo, que frases são aceitáveis e fazê-lo dentro de uma teoria geral da estrutura linguística. [2, ps. 143–144]

- além de corpora:

Poder-se-ia pensar que o afirmar que um determinado enunciado é aceitável nada mais é que dizer que ele em algum tempo foi produzido por um falante nativo e que, em princípio, seria possível a um linguista, ou a uma equipe de linguistas, reunirem todas as frases de uma língua e colocá-las num *corpus*. Mas esse ponto de vista é errôneo. O termo *aceitável* tem não apenas a vantagem de realçar a relação operacional entre a matéria bruta do linguista e sua remota fonte de controle que está nas reações do falante nativo. Ele também realça o fato de que o linguista deve ter em conta não só os enunciados que realmente ocorreram no passado, mas também muitos outros que bem poderiam ter ocorrido e que poderiam ocorrer no futuro. [2, p. 144]

- infinitude das línguas & capacidade “criativa” do falante:

Todo falante nativo de uma língua está em condições de produzir e de compreender não apenas aquelas frases que ele já ouviu alguma vez mas também um número infinitamente grande de novas frases que ele nunca ouviu, da parte dos outros falantes dessa língua. De fato, parece provável que a maioria das frases produzidas pelos falantes nativos, exceção feita de um número limitado de expressões ‘rituais’ — por exemplo *Como vai?*, *Obrigado*, etc. — são frases novas nesse sentido. E as frases novas satisfarão o mesmo teste operacional de aceitabilidade para outros falantes nativos como as velhas frases que poderiam ter sido produzidas simplesmente de memória. Elas mostrarão as mesmas regularidades e podem ser explicadas pelas mesmas regras. Em outras palavras, é a classe dos enunciados potenciais que devemos identificar com as frases da língua. Em qualquer língua natural o número de enunciados potenciais é ilimitado. Qualquer coleção de enunciados, por maior que seja, não é mais que uma amostra dessa série ilimitada de enunciados potenciais. [2, p. 145]

- níveis de aceitabilidade:

os enunciados podem ser aceitáveis ou inaceitáveis de vários modos e em vários graus. Poderíamos, por exemplo, dizer do português de um estrangeiro que ele é gramaticalmente aceitável (ou correto) mas que seu sotaque é defeituoso e o denuncia imediatamente como um falante não nativo. Poderíamos dizer de certas frases — como Russell, por exemplo, da frase *Quadruplicity drinks procrastination*; ‘A quadruplicidade bebe a procrastinação’ — que elas são gramaticais mas ‘não têm sentido’; poderíamos ser levados a dizer o mesmo dos versos sem sentido de Lewis Carroll, mas por razões diferentes. [2, p. 146]

Jaguadarte (trecho)

Era briluz.

As lesmolisas touvas roldavam e reviam nos gramilvos.

Estavam mimsicais as pintalouvas,

E os momirratos davam grilvos.

“Foge do Jaguadarte, o que não morre!

Garra que agarra, bocarra que urra!

Foge da ave Fefel, meu filho, e corre

Do frumioso Babassura!”

Ele arrancou sua espada vorpal
e foi atrás do inimigo do Homundo.

Na árvore Tamtam ele afinal

Parou, um dia, sonilundo.

E enquanto estava em sussustada sesta,
Chegou o Jaguadarte, olho de fogo,
Sorrelfilando através da floresta,
E borbulia um riso louco!

Um dois! Um, dois! Sua espada mavorta
Vai-vem, vem-vai, para trás, para diante!
Cabeça fere, corta e, fera morta,
Ei-lo que volta galunfante.

“Pois então tu mataste o Jaguadarte!
Vem aos meus braços, homenino meu!
Oh dia fremular! Bravooh! Bravarte!”
Ele se ria jubileu.

Era briluz.

As lesmolisas touvas roldavam e relviam nos gramilvos.

Estavam mimsicais as pintalouvas,

E os momirratos davam grilvos.

[*Jabberwacky*, de Lewis Carroll;
traduzido por Augusto de Campos]

- Gramaticalidade como aceitabilidade regrada:

Do ponto de vista ‘formal’ (× ‘nocional’) a gramaticalidade nada mais é que a aceitabilidade na medida em que esta aceitabilidade pode ser colocada dentro do escopo de uma série específica de regras, e dentro duma classificação também específica de elementos léxicos e gramaticais da língua. [2, p. 158]

- aceitabilidade × gramaticalidade:

Segundo a noção de gramaticalidade, as sequências da língua são classificadas em gramaticais (bem-formadas sintaticamente) e agramaticais (mal-formadas sintaticamente). A noção de aceitabilidade, por sua vez, diz respeito aos julgamentos intuitivos dos falantes/ouvintes sobre as sequências de sua língua, em qualquer nível. Esses julgamentos são baseados em grande parte na gramaticalidade, mas incluem também fatores associados ao desempenho, tais como limitação de memória, lapsos, cansaço, etc. A gramática se ocupa da distinção gramatical/não-gramatical; a pragmática, da distinção aceitável/não-aceitável. A noção de gramaticalidade inclui-se na competência; a noção de aceitabilidade, no desempenho. [1, p. 52]

2 Juízo de gramaticalidade

- intuição do falante:

os gramáticos usam dados do tipo “esta cadeia de palavras é uma sentença nesta língua”, ou “esta cadeia de palavras tem este significado”, avaliações determinadas por falantes nativos da língua em questão. [3, p. 2]

3 Conclusão

- a sintaxe propõe um sistema que determina a gramaticalidade (hipótese teórica), e o sistema é tanto melhor quanto mais tem a capacidade de replicar adequadamente a aceitabilidade dos falantes nativos (avaliação empírica).

Referências

- [1] Lúcia Maria Pinheiro Lobato. *Sintaxe Gerativa do Português — Da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação*. Vigília, Belo Horizonte, 1986.
- [2] John Lyons. *Introdução à Lingüística Teórica*. Editora Nacional & EDUSP, São Paulo, 1979. Traduzido por Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel.
- [3] Henk van Riemsdijk and Edwin Williams. *Introdução à Teoria da Gramática*. Martins Fontes, São Paulo, 1991. Traduzido por Miriam Lemle, Maria Angela Botelho Pereira & Marta Coelho.